



Os Interesses Políticos no Uso das Representações Sociais¹

ARAÚJO, Damiana Nascimento²

RESUMO: O presente texto traz um pouco de nossas dificuldades com relação às novas leituras no curso de Mestrado. Aborda um pouco sobre o tema de pesquisa escolhido, as análises feitas para se chegar ao tema, leituras complementares e suas contribuições. Neste texto procuro demonstrar uma certa inquietação no uso abusivo dos nomes dos representantes sociais dos movimentos sociais dos seringueiros no Acre. Isso porque há um grande interesse dos que detêm o poder político nos nomes de Chico Mendes e Wilson Pinheiro. Com a preocupação mundial sobre as mudanças climáticas e a preservação ambiental, esses representantes ganharam destaque devido aos embates que travam contra a nova forma de produção das décadas de 70 e 80. No início, o estado do Acre possuía uma produção extrativista, mas logo mudou com a queda da borracha, e então se implantou a agropecuária que culminou com os embates.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa, Multiplicidade, Sustentabilidade, Contribuições.

INTRODUÇÃO

O Acre tem algumas particularidades na sua formação econômica e política que o diferem de outros estados amazônicos. Cria-se para ele o discurso identitário de uma construção de Acreanidade que teve bases de formação política e social gestadas nos seringais. A vida neles era uma questão de defesa, e quando índios e seringueiros se sentiram ameaçados com a nova ordem política imposta com a tentativa de modernização eles reagiram para proteger seus territórios.

Vão ser diversos os confrontos até que se consiga chamar a atenção das autoridades. Podemos notar em meio a estes confrontos que o governo criara uma identidade para essas pessoas vendendo sua imagem e implantando logo depois o modelo de sustentabilidade, distorcendo o discurso dos sindicalistas, criando um novo modelo de extração de riquezas bem mais forte que o extrativismo vegetal, vendendo a ideia de proteção ambiental da região como uma espécie de desmatamento consciente.

E isso trouxe novos conflitos com os “povos da floresta”, termo designado por quem está no poder, que cria um slogan de governo da floresta e coloca os “povos da floresta” que são os seringueiros e índios como sendo a prioridade em sua gestão.

¹ Trabalho apresentado ao GT História da Publicidade e da Comunicação Institucional do IV Encontro Regional Norte de História da Mídia, realizado em 19 e 20 de maio de 2016.

² Mestranda do Curso de Pós-Graduação Letras Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre – AC.



Levando para mídia que o novo programa implantado na região é o que irá se encaixar melhor às novas necessidades produtivas.

Os “povos da floresta”, como é citado pelo governo, dá a entender que sempre estiveram juntos e lutando pelos mesmos interesses. Na verdade, brigaram entre si durante muito tempo, no auge da exploração da borracha diversas tribos foram dizimadas nas chamadas correrias, nome dado às brutalidades que ocorreram durante esse tempo. O que vai fazer esses se unirem é justamente a luta por seus territórios, e o reconhecimento de suas identidades culturais e territoriais após a chegada dos fazendeiros.

O movimento social dos índios e seringueiros trouxe importantes modificações na estrutura fundiária, com o movimento dos seringueiros foi criado o Conselho Nacional dos Seringueiros e a proposta das Reservas Extrativistas. O movimento conseguiu bastantes conquistas desde o reconhecimento das identidades específicas quanto a criação de territórios reservados para as comunidades tradicionais. Até 1980 não existia nenhum território de preservação ou conservação.

As reivindicações territoriais de índios e seringueiros, em defesa de um modo de vida, seja pela precedência de ocupação (no caso dos índios), seja pelos direitos históricos (no caso dos seringueiros e demais posseiros), foram recontextualizadas e apropriadas pelo Governo da floresta, como modelo de ordenamento territorial para o Acre e como inspirador para adoção de um Programa de Desenvolvimento Sustentável no Estado (MORAIS, 2008, p. 171).

Foi constituído no Acre um consenso no desenvolvimento sustentável tendo este como modelo ideal de economia, passando a ser visto como a única alternativa viável para a economia do estado. O modelo implantado anterior a este foi na década de 1960 pelo governo dos militares, caracterizado com a implantação técnica composta por rodovias, incentivos fiscais, além de créditos com juros baixos para quem quisesse investir no estado, e também os incentivos para migração de homens para terras consideradas sem homens.

O desenvolvimento econômico destes para a Amazônia foi centrado no incentivo à exploração de mineral, com incentivo fiscal para aquisição de terras para projetos agropecuários e também nos projetos de colonização ao longo das rodovias federais, com intuito de diminuir as pressões sociais no Centro-Sul e Nordeste do país.



Esta política provocou impactos mostrando os primeiros sinais da degradação ambiental e conflitos pela posse de terra, isso porque a derrubada das matas limitava as possibilidades materiais de sobrevivência, com a destruição das fontes de renda baseadas no extrativismo.

O Partido dos Trabalhadores tem sua seção criada no Acre no início da década de 80, num período de intensos conflitos entre os posseiros e agropecuaristas do Centro Sul do país, a luta pela inserção de posseiros no espaço urbano, principalmente seringueiros e ribeirinhos que foram expulsos dos seringais, migrando para a cidade. Essas discussões levaram à criação do partido, os núcleos mais avançados na luta dos seringueiros surgiram em Xapuri e Brasiléia além de sedes dos principais sindicatos de trabalhadores rurais na época. A base social do partido durante os primeiros anos estava assentada no meio rural. Assim, o partido se organizou e cresceu usando a luta dos extrativistas.

A organização do partido PT é fruto da articulação de lideranças sindicais da região e da direção nacional do partido, nos anos 1990, o sindicalismo tinha como prioridade número 1 no estado eleger o governador do Acre. Na década de 90 surge um consenso em torno da ideia de que esta década marca as iniciativas que darão uma concretização ao sonho de Chico Mendes, a criação das reservas extrativistas. A eleição de Jorge Viana estabelece uma linha de continuidade entre as críticas e proposições ocorridas nos anos 1980 e as práticas de desenvolvimento sustentável no estado.

A estratégia florestal tem sido a política de governo estaduais do Acre (com PT) e do Amapá (com João Capiberibe). Enquanto discurso, é dito que, no Acre, essa é uma proposta alternativa à pecuarização ‘gerada pela força dos extrativistas para defender as colocações de seringas, atividades produtivas e identidades econômicas’. (MORAIS, 2008, p. 179).

Esse slogan “Governo da Floresta” é adotado no governo de Jorge Viana de 1999 a 2000, um tanto contraditório, já que de um lado há uma tentativa de associar ao governo os povos da floresta, com inspiração no movimento social de seringueiros e índios, mas o que se concretiza é um governo que explora a floresta, voltado a negócios sustentáveis mostrando que na realidade os maiores beneficiados com isso



não serão os povos da floresta e sim os que se beneficiaram das políticas públicas do estado.

O governo da floresta faz uma adoção ao modelo de “Desenvolvimento Sustentável”, justificando que isto seria a continuação dos sonhos de Chico Mendes. Percebemos assim a criação de um discurso em torno da visibilidade que o sindicalista ganha inclusive internacionalmente promovendo o discurso de ecologista, muito embora ele não fosse ecologista, apenas queria que suas posições se mantivessem, que suas seringueiras não fossem derrubadas pois eram recursos importantes para o sustento.

Em uma obra de ficção, o personagem de nome Osmarino fala dessa questão de ecologia, e na fala dele está claro que suas intenções não eram essas: “Inventaram essa tal de Ecologia, para tapear as trouxas, achando que gente não manja as intenções deles” (ESTEVES, de acreana”, a autora traz o discurso que Jorge Viana usa para ganhar as eleições, usando a floresta e os interesses dos seringueiros adotando a imagem de Chico Mendes para promover seu slogan de campanha): “O nome de Chico Mendes é amplamente utilizado tanto para angariar fundos externos quanto dentro do próprio Acre, entre os seringueiros para ganhar adesão à proposta do governo” (MORAIS, 2008, p. 205).

Os interesses políticos são bem maiores que a preocupação com os povos da floresta, a ação é bem diferente do que aquilo que é dito, pois o “Governo da Floresta” tem como destaque maior o manejo florestal e foi por isso duramente criticado pelos trabalhadores rurais. Com o programa de Desenvolvimento Sustentável do Estado, o governador ganha apoio da legislação nacional e cria um consenso de que a exploração de madeira é o ideal para a inclusão social.

Em “O Mundo como Representação”, de Roger Chartier, o autor faz uma citação no início do texto de um editorial da Primavera de 1988 que relata uma crise geral das ciências sociais, notando um abandono dos sistemas globais de interpretação dos “paradigmas dominantes”, o estruturalismo ou marxismo.

Também se debate um pouco sobre a leitura e o modo como lemos: “A leitura não é somente uma operação abstrata de intelecção: é pôr em jogo em jogo o corpo, é inscrição num espaço relação consigo mesmo ou com outro” (CHARTIER, 1991, p. 181). A leitura sempre se dará de forma diferenciada, constituindo uma prática



encarnada por gestos, espaços e hábitos. Não deixando que se adote uma modalidade única de leitura, apagando as demais formas dos atos de leituras, caracterizando um efeito dado como universal.

É necessário para uma história do ler sejam identificadas disposições específicas que distinguem as comunidades de leituras e as tradições de leituras. Quando Chartier diz que os que podem ler determinados textos, não os leem da mesma maneira, ou seja, semelhante, tendo uma grande distância entre os letrados de talento e os leitores menos hábeis.

Das determinações, que regulam as práticas, dependem as maneiras pelas quais os textos podem ser lidos, uma leitura diferenciada por leitores que podem não dispor dos mesmos mecanismos intelectuais e que não possuem uma mesma relação como escrito. É importante para nós que estamos começando a pesquisa ler este texto, entender a mudança nos modos de se trabalhar a pesquisa, renunciando um modelo hierárquico.

Ao renunciar, de fato à descrição da totalidade social e ao modelo braudeliano, que se tornou intimidador os historiadores tentaram pensar os funcionamentos sociais fora de uma participação rigidamente hierarquizada das práticas e das temporalidades (econômicas, sociais, culturais, políticas) e sem que fosse dada primazia a um conjunto particular de determinações (fossem elas técnicas, econômicas ou demográficas) (CHARTIER, 1991, p. 177).

A essas palavras estão ligadas as formas como foram se manifestando as transformações no campo da pesquisa. Um desafio lançado pelas disciplinas recentemente institucionalizadas e de grande triunfo intelectual, a linguística a sociologia ou a etnologia. A partir de toda essa transformação é possível ver o quanto foi importante essa inovação do caminho da pesquisa. Já que a pesquisa aqui abordada é de cunho social, e nela será necessário trabalhar um pouco a história dos movimentos sociais.

Adiante, Roger Chartier sugere que a captação (dos territórios, das técnicas, das marcas de cientificidade) só poderia ser plenamente proveitosa se não se abandonasse nada do que tinha fundado a força da disciplina, por meio do tratamento quantitativo de fontes maciças e sérias (registros paroquiais, cotações de mercado, atas notariais e etc.).



No início, a proposta de minha pesquisa era trabalhar com Construção de Identidade com as Contribuições de Mitos. No entanto em conversas com o orientador e com as leituras realizadas no decorrer das disciplinas, optei por mudar e trabalhar a temática Memória e Identidade, analisando o uso abusivo dos nomes de Chico Mendes e Wilson Pinheiro.

A memória e a identidade propostas a serem estudadas são de dois sindicalistas tidos como ícones pelo governo até hoje. O que leva a querer pesquisar é a intriga que surge ao ler as fontes que falam sobre a história, e os trabalhos que já foram realizados apontando um certo discurso em cima das lutas em que esses sindicalistas se encontram, surge uma certa intriga ao ler uma matéria no blog de Altino Machado, por Anderson Peixoto, que retrata a degradação da memória de Wilson Pinheiro, no município de Brasileia. Chico Mendes e Wilson Pinheiro são usados como ícones importantes da história do Acre até os dias atuais, no entanto suas memórias estão sendo degradadas, sem a menor preocupação de preservação.

A questão é que há um uso proposital dos movimentos sociais realizados em prol dessas pessoas que nada mais queriam que o direito em suas terras, para que pudessem trabalhar com o que aprenderam durante todo esse tempo que era o cultivo do látex.

Notamos que o candidato ao governo do Acre pelo partido do PT na década de 90 se apropria de um discurso que visa a proteção da floresta além de apoiar os povos da floresta, que são os seringueiros e índios. Toda essa “preocupação” ambiental com os povos tradicionais está ligada ao discurso de salvar e preservar as florestas.

Há toda uma disputa entre seringueiros e fazendeiros sobre essas terras conhecidas hoje como estado do Acre: de um lado os fazendeiros com a criação de gado, com o discurso de modernização e que a pecuária seria o meio de produção mais rentável para aquele momento, e do outro os seringueiros e agora também os indígenas lutando pelo direito sobre as terras que viviam.

Com o surgimento dos movimentos sociais que lutavam pelo reconhecimento de sua cultura e identidade, os indivíduos começaram a ganhar repercussão na mídia, inclusive a mídia internacional. Os ecologistas e ativistas a favor da preservação do meio ambiente simpatizaram com a causa, acreditando que as causas desses movimentos eram a preservação do ambiente e o não desmatamento das florestas.



É, portanto, nesse momento que os sindicalistas Chico Mendes e Wilson Pinheiro têm seus nomes usados pelo governo de Jorge Viana, isso devido à grande repercussão dos movimentos sociais em que eles estavam envolvidos, é importante lembrar que os movimentos não foram realizados apenas por estas duas pessoas, que eles eram representantes de todo um grupo. A intriga citada anteriormente está no fato de o governo os venerar tanto e ao mesmo tempo não cuidar das memórias dessas pessoas, dos movimentos sociais envolvidos.

Para uso desse discurso, o governo toma posse de documentos assim como da identidade e da memória dessas pessoas na busca de uma afirmação, de que se lutou muito para que fossemos acreanos, para isso faz comemoração do centenário da Revolução Acreana, além da inauguração de centros históricos que nos lembrem dos heróis da Revolução. Faz-se o uso de toda uma construção de memória e identidade para se ter a afirmação do discurso que está sendo dito naquele momento.

A esse fato é possível citar a questão de Representações Coletivas e Identidades Sociais encontradas no texto. Onde se diz que a partir do terreno de trabalho, que se encontra o texto, o livro e a leitura, é provável que sejam formuladas várias proposições que se articulam de maneira nova com os recortes sociais e as práticas culturais.

A primeira alimenta a esperança de levantar os falsos debates em torno da divisão, dada como universal, entre as objetividades das estruturas (que seria o território da história mais segura, que ao manipular documentos maciços, seriais, quantificáveis, reconstrói sociedades tais como verdadeiramente eram) e a subjetividade das representações (a que se ligaria uma história outra história dedicada aos discursos e situada a distância do real) (CHARTIER, 1991, p. 183).

Há uma separação vivenciada de forma profunda pela história, assim como também nas ciências sociais, como a sociologia ou a etnologia, em oposição as abordagens estruturalistas e aos procedimentos fenomenológicos, as primeiras trabalham sobre as posições e relações dos diferentes grupos, identificados muitas vezes, por classes, os segundos privilegiam o estudo de valores e comportamentos de comunidades mais restritas, tidos como homogêneos.



Para superar isso é necessário de princípio que se considere os esquemas que geram os sistemas de classificação e percepção como verdadeiras “instituições sociais”, incorporando sob a forma de representações coletivas as divisões da organização social.

Este retorno a Marcel Mauss e Emile Durkeim e à noção de “representação coletiva” autoriza a articular, sem dúvida melhor que o conceito de mentalidade, três modalidades de relação com o mundo social: de início, o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exhibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais “representantes” (instâncias coletivas ou individuais singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe (CHARTIER, 1991, p. 183).

Há uma utilização da identidade do seringueiro, identidade essa constituída durante os conflitos pela posse de terra nas décadas de 1970 e 1980. Esta assume um significado político que indica oposição ao fazendeiro, pois é revelado um confronto entre dois segmentos sociais, onde existe uma disputa de interesses sobre diferentes lugares, que são ocupados por esses fazendeiros, enquanto os seringueiros expulsos de suas propriedades lutam para que sejam mantidas suas condições de reprodução social, sendo fundamentalmente a preservação da floresta bem como sua permanência nela. A real intenção desses era manter o extrativismo vegetal, pois nasceram e cresceram, sobrevivendo com o corte da seringa, e agora não poderiam perder tudo assim sem lutar por seus direitos. Surgiu assim a proposta de Reserva Extrativista.

Além da leitura de Chartier, há outras que foram de grande importância e relevância, dentre estas o livro “A invenção do Nordeste” que trata sobre o recorte espacial estereotipado que é essa região. A intenção do autor ao escrever o livro é redirecionar o olhar do leitor para as coisas que ainda não viram, desfazer o discurso criado na invenção do Nordeste, mostrando que todos temos diferenças e que é necessário respeitar isso, não discriminando ou repetindo o mesmo discurso sobre o lugar.



Até meados da década de 1910, o Nordeste não existia. Ninguém pensava em Nordeste, os nordestinos não eram percebidos, nem criticados como uma gente de baixa estatura, diferente e mal adaptada. Aliás, não existiam. As elites locais não solicitavam, em nome dele, verbas ao Governo Federal para resolver o problema de falta de chuvas, da gente e do gado que morriam de fome e de sede, como registra Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, livro que se tornou filme famoso. Ademais o problema mal era anunciado; era apenas vivido. Sem a grande visi/dizibilidade (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011. p. 13).

Ao ler a citação acima quando o autor fala da inexistência do Nordeste, fazemos uma análise que vai de encontro com o reconhecimento dado à região do Acre, depois dos movimentos sociais das populações de índios e seringueiros, que tinham como ideal serem reconhecidos através de suas práticas culturais, além do direito ao território em que viviam.

Foi a partir das décadas de 70 e 80 que a região ganhou destaque na mídia, graças às lutas por reconhecimento, e essas lutas ganharam também a mídia internacional, que no momento tinha como preocupação a preservação ambiental. As práticas culturais dessas pessoas que na década de 60 eram vistas como atrasadas, agora eram tidas como necessárias a essa preocupação.

No entanto há uma inversão dos movimentos por aqueles que se diziam a favor da causa, o ganho da mídia internacional se dá devido à inversão sobre o que os movimentos buscavam. Veem como uma questão de cunho ecológico e de conservação ambiental. No entanto os movimentos eram por reconhecimento de seus territórios além de não derrubar nenhuma árvore, ou que ficassem presos a contratos que os impedissem de exercer suas atividades.

Por outro lado o governo, ao perceber os reais interesses internacionais, se diz a favor desses grupos, com interesse de ter prestígio, além de ganhar investimentos que envolvem as políticas de preservação do ambiente. Podemos acrescentar também ao texto um fragmento em que se fala sobre regionalização; onde diz que as regiões podem ser pensadas como a emergência de diferentes grupos sociais, no interior da nação: “A regionalização das relações de poder pode vir acompanhada de outros processos de regionalização, como o de produção, o das relações de trabalho e o das práticas culturais, mais esta não determina sua emergência” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 36).



Ao ler essa pequena citação, reflito sobre o que tem a ver com meu objeto de pesquisa, é perceptível que um dos fatores do reconhecimento dos movimentos sociais, naquele momento que obtiveram maior êxito devido a emergência de preocupação com o aquecimento global. E que Chico Mendes por ter sido representante de seus companheiros e ter sido visto como um ecologista, tem seu nome fortemente usado pelo governo do PT, nas eleições e depois no mandato da década de 90. Seu nome é reconhecido mundialmente até hoje, mesmo após sua morte, ainda é muito forte o discurso da sustentabilidade.

Outro autor que traz uma obra de grande importância é Michel de Certeau com “A escrita da História”, que aborda também sobre questões de pesquisa. Traz o dizer e o fazer, na qual este fazer é a uma sociedade que especifica uma produção científica. E a relação do discurso como fazer é interno ao seu objeto, pois de um modo ou de outro, a história fala sempre de tensões, de redes de conflitos de jogos de força.

No entanto também é externo, quando a forma de compreensão e o tipo de discurso são determinados pelo conjunto sociocultural mais amplo que designa à história seu lugar particular. Não só o fazer, mas também o lugar ganha destaque no texto.

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. (CERTEAU, 1982, p. 56).

É a partir deste lugar que se instauram os métodos, se delineando uma topografia de interesses, os quais documentos e as questões, que são propostos se organizam.

Após uma primeira crítica ao “cientificismo” desvendou-se na história objetiva a relação com o lugar, do sujeito. Analisou-se uma dissolução do objeto tirando da história o privilégio da qual se vangloriava, quando se pretendia reconstituir uma verdade, uma “verdade” daquele acontecimento.

Essa história objetiva mantinha uma ideia de verdade, num modelo sobre a filosofia de ontem ou da teologia do anteontem; contentando-se em traduzi-las em



termos de fato históricos. Está se acabando o positivismo, e surgindo o tempo da desconfiança.

Mostrando que toda interpretação depende de um sistema de referência; que tal sistema permanece numa filosofia implícita e particular; que ao infiltrar-se no trabalho de análise, e organizando a sua revelia, remete a subjetividade do autor. Os fatos históricos são constituídos pela introdução de um sentido na “objetividade”. “Eles enunciam, na linguagem da análise, escolhas que lhes são anteriores que não resulta, pois, da observação – e que não são nem mesmo “verificáveis”, mas apenas “falsificáveis” graças a um exame crítico” (CERTEAU, 1982, p. 57).

Há uma “relatividade histórica” que se compõe, em um quadro de totalidade histórica, que se destaca uma multiplicidade de filosofias individuais, as dos pensadores que se vestem de historiadores. Além de o lugar e de o fazer também se tem a articulação natureza-cultura, o qual diz que o historiador tem o tempo como material de análise ou como objeto específico. Percebendo a organização de uma sociedade e o sistema de pertinências próprias de uma “ciência”. Assim trabalha sobre um material para transformá-lo em história.

As leituras escolhidas nos fazem pensar sobre os caminhos da pesquisa e as transformações que ocorrem ao longo dos anos com relação à escrita. Na multiplicidade da escrita, demorei a entender de que modo seria possível encaixar as leituras feitas nas disciplinas em meu texto. Mas ao ler melhor e saber sobre o que realmente queria como tema, passei a entender como as leituras desses autores me encaminhariam. Pretendo continuar a ler estes autores no intuito de obter mais contribuições dos mesmos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2012.

CERTEAU, M. **A Escrita da História**. 1ª edição. Tradução de Maria Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.



CHARTIER, R. **O Mundo como Representação**. Estudos Avançados 11(5), 1991. Texto publicado com permissão da revista *Annales* (NOV/DEZ. 1989, Nº 6, pp. 1505-1520).

DEAN, W. **A luta pela borracha no Brasil**: um estudo de história ecológica. São Paulo: Nobel, 1989.

FAUSTINO, C.; FURTADO, F. **Economia Verde, Povos das Florestas e Territórios**: violações de direitos no estado do Acre. 1ª edição. Rio Branco: DHESCA, 2015.

ESTEVES, F. **O Empate**. Rio de Janeiro: Oficina do Livro, 1993.

FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MACHADO, R. **Foucault, a filosofia e a literatura**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.

MEMMI, A. **Retrato do Descolonizado**: Muçulmano e de Alguns Outros. 1ª edição. São Paulo: Civilização Brasileira, 2007.

MORAIS, M. J. **“Acreanidade”**: invenção e reinvenção da identidade acreana. 2008. 302f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

PANTOJA, M. C. **Os Miltons: cem anos de história nos seringais**. 2ª edição. Rio Branco: Edufac, 2008.

PAULA, E. A. **Desenvolvimento Insustentável na Amazônia Ocidental**. Rio Branco: Edufac, 2005.

PAULA, E. A. **Seringueiros e Sindicatos**: um povo da floresta em busca de liberdade. 1991. 268f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 1991.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Em livro: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgardo Lander (org.). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro, 2005. pp. 227-278. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.or.ar/ar/libros/lander/pt/Quijano.rtf>>.

ROCHA, H. R. **Microfísicas do Imperialismo**: A Amazônia rondoniense e acreana em quatro relatos de viagem. 1ª edição. Curitiba: CRV, 2012.

SCHEIBE, C. **Mulheres da Floresta**: uma história, Alto Juruá, Acre (1890-1945). São Paulo: Hucitec, 1999.



SOUZA, M. **Breve História da Amazônia.** 1ª edição. Rio de Janeiro: AGIR, 2001.

WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia:** expansão e decadência (1850-1920). Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec, 1993.